

# Um tenente de Dragões

(Francisco Rodrigues do Prado)

M. CAVALCANTI PROENÇA

## I

O fim do século dezoito foi cheio de apreensões para Caetano Pinto de Miranda Montenegro a quem coube, para governar nessa época, a capitania de Mato-Grosso. Agitações havia, desde algum tempo, mais sensíveis no vale do Guaporé, onde portugueses e espanhóis se empurravam, cada qual procurando recuar para dentro do território adversário as lindes dos seus domínios.

Vindos de uma terra pequenina, êsses vizinhos históricos para quem a proximidade sempre fôra motivo de escaramuças, viram-se por uma fatalidade novamente condominos nesta parte da América. Trataram então de conquistar o maior pedaço de terra possível, numa ganância de quem não está acostumado a ver horizontes tão largos e cuida logo de segurar o mais que pode, antes que se acabe a fartura. As populações do reino são pequenas e não é possível encher o deserto de brancos? Importemos o negro da África, escravise-mos o índio. Escravise-mos de qualquer maneira, às claras e barulhentemente, como na colônia portuguesa ou disfarçada, silenciosamente como nas colônias castelhanas.

Nêsse propósito agiram logo os portugueses, procurando garantir o caminho das minas do Cuiabá, pela fundação de presídios, estudando a possibilidade de se erigir um posto militar no vale do Mondego (Miranda) e de fortificar o fecho dos morros, barrando a subida do rio Paraguai.



Ambiciosos do mesmo gráo, os espanhóis não tinham porém o mesmo espírito prático dos portugueses. Azara, cheio de ambições, recordando as viagens de Irala e Nuflo Chaves deseja apenas que o domínio da Espanha se estenda Paraguai acima, desde o Apa até Albuquerque (Corumbá) indo até a confluência do Cuiabá (no tempo Rio dos Porrudos ou S. Lourenço) onde provavelmente se situára o fugidio Puerto de los Reyes, fundado por Irala, quando passou de viagem para o Perú.

Do lado de cá os Albuquerque (Luiz e João) sabem, por experiência, que em conversa não há quem possa com os espanhóis e vão por isso, agindo, silenciosos, mas determinados em levar ao fim o que pretendem. Vão localizando presídios e fortes nos pontos que se fazem necessários para a defesa da capitania e dos seus caminhos de comunicação com o centro.

Se os guaicurús em aliança com os paiaguás embarçam o caminho das minas do Cuiabá, tratam de melhorar o caminho do centro por Goiaz, estabelecem uma aliança com os guaicurús, distribuindo pelos capitães bugres algumas patentes da guarda nacional, desfazendo a simbiose dos cavaleiros e canoeiros, os quais são atraídos pelos espanhóis para Assunção.

D. Lázaro de Ribera o "arreliento D. Lázaro" procura diminuir a população já pequena da capitania, favorecendo a fuga de negros escravos, que além do prejuizo que dão aos portugueses são ótimos elementos de trabalho, lucrativos, permitindo triplicar em pouco tempo a produção de açúcar na região de Cochabamba. Reclama o Governador de Mato-Grosso que de duzentos índios fugidos só foram recuperados quatorze e o governador espanhol acha, com alguma ironia, que o português está exagerando. Aquele porém reclama por reclamar, sabendo o que pode esperar de Ribera, e, extra-diplomacia, remete escoltas para pegar os negros fugidos ao mesmo tempo que atrai astuciosamente os chiquitanos para Vila Maria, Casalvasco e outros estabelecimentos. Numa dessas escoltas de prender escravos, mas que também se destinavam a espiar o que se passava nos domínios adversos, vamos encontrar o nome do Tenente de Dragões, Francisco Rodrigues do Prado, de quem D. Lázaro da Ribera, se queixava, arguindo-o de contrabandista. Desa-



pontado, porque não conseguira a sua gente prender o Tenente conforme sua ordem.

Para salvar as aparências Luiz de Albuquerque envia o oficial para Cuiabá onde seria inquirido. Parece que nunca o foi. Pois que essas incursões se faziam por ordem dos próprios governadores, e a sua atividade já havia sido há muito aproveitada em mais de quarenta viagens "debaixo das ordens dos Exmos. Srs. Albuquerque".

Depois de curta permanência em Cuiabá, vamos encontrá-lo em 1892 fazendo uma diligência no Paraguai e no ano seguinte no Comando de Coimbra, onde fica observando os movimentos de Espíndola, a perseguir os Guaicurús, e que procura obter a sua aliança contra os índios. Responde delicadamente, como manda a sua situação especial de diplomata de fronteira, mas não se compromete. Garante apenas que não protegerá os índios, enquanto isso lhe for facultativo.

Não devia ter gostado muito das ações de Espíndola contra os índios guaicurús que o auxiliavam e dos quais foi o mais sincero amigo, admirando-lhes as habilidades de ginetes, como bom cavalheiro que era. Na sua permanência no forte aprendeu a falar a língua dos guaicurús, rude e gutúral, língua própria para conversar a galope, escrevendo então a sua monografia enfeitada de reminiscências históricas e mitológicas e principalmente cheia de um espírito de compreensão que poucas vezes mais iremos encontrar em militares que conviveram com os índios.

Três anos depois de sua chegada redige a sua "História dos índios Cavaleiros", documento de muito interêsse não só cronológico, pois parece que é dos mais antigos sôbre o assunto, como porque nos permite fazer uma idéia da esplêndida formação moral dêsse oficial, católico às direitas, interessado em assuntos de história, cheio de solidariedade humana como bem definiu Correia Filho.

No seu trabalho enumera primeiramente os costumes dos índios, para em seguida abordar os sucessos guerreiros da nação guaicurú contra portugueses e espanhóis. Os assuntos descritos são, a cada passo, entremeados de reminiscências históricas e reflexões críticas. Compara as índias que acoraçoam os filhos que partem para a guerra com as matronas romanas e com Felipa de Vilhena,



referindo-se a seguir ao celebrado hospital de pássaros de Cambaua, reminiscência de leitura das lendárias narrações das Índias portuguesas, quando descreve o carinho com que os índios tratam os animais bravios, seus cherimbabos.

Esclarece com detalhe o modo como os índios guaicúrús carregavam, flanqueando os rebanhos de bovinos e cavalos, reunidos por meio de assobios e tangidos violentamente, em estouro, sobre os viajantes que cruzavam as campinas sul matogrossenses. Estes só tinham um meio de escapar que consistia em ganhar o mato e dali resistirem. Isto se antes não vissem surgir bruscamente, pronto para o lançamento, enforquilhado no dorso do cavalo que parecia correr sem cavaleiro, o índio que viera galopeando, arriado no costado da montaria.

E não pode fugir a paralelos remanescentes de antigos estudos, ponderando que "já o gado foi causa de Amílcar ser vencido pelos Vetões e da salvação de Annibal nos desfiladeiros junto a Caselino".

É verdade que a muitos poderá parecer descabida essa comparação entre selvagens e civilizados.

Mera vaidade de um preconceito sem fundamento. Questão de ponto de vista como notára Darwin em sua passagem pelo Brasil, quando lhe contaram o caso de uma negra fugida que se atirou de um penhasco não querendo entregar-se à prisão. Sisudamente comentou o inglês: Si se tratasse de uma matrona romana êste fato seria decantado como um exemplo de amôr à liberdade, tratando-se porém, de uma negra, contentam-se em apontá-lo como um exemplo de teimosia.

Admira-se o oficial da longevidade dos guaicurús e procura estabelecer dependências de causa e efeito, notando que o fato de não existir entre os índios nem o escorbuto nem as mortes repentinas, parece demonstrar que essas doenças são causadas pelas constipações (1) pois que isso não se dá entre o índios que vivem sempre desroupados. Acresce ainda que, embora a comida dos índios seja repugnante, comendo tudo sem outro tempero que o que lhes dá a fome, preparavam uma boa digestão pela maneira lenta com

---

(1) Esta maneira, considerada imprópria, de dizer constipação em lugar de resfriado, ainda hoje é corrente em Mato-Grosso.



que mastigavam o comer, "levando por êste modo muitas partículas de saliva ao estômago". No capítulo da beleza das mulheres esclarece que elas nada têm daquela graça ingênua da Eva de Milton, mas que, como as demais, se enfeitam, evidenciando que "êste sexo, ainda no centro da barbaridade brutal, não pode excusar de ser tributário do luxo e da vaidade". Mas que excelentes esposas. Chegando a matar os filhos no ventre para não se verem apartadas dos maridos, para poderem acompanhá-los.

A sua honestidade intelectual é inteiriça. Cita com abundância as fontes onde obteve dados para organizar a memória, tais como o juiz de fora, Manoel de Moura Cabral, tirados dos Anais da Câmara de Cuiabá, os documentos existentes no presídio que atualmente comanda, sôbre a pacificação dos guaicurús e transcreve o tratado de aliança da tribo com o Governador João de Albuquerque. Apesar da sua pouca simpatia pelos espanhóis de quem falará "abreviadamente como por coisa estranha" cita os informes que obteve de um curioso padre espanhol que viveu no seio da tribo adotando os hábitos dos índios, raspando as sombrancelhas e até se tatuando e casando com uma índia. Todo êsse sacrifício para manter em bôa paz os sanhudos cavaleiros e os seus compatriotas de Castela.

Escrupulosamente declara ao notar a expressão melancólica do semblante dos índios que êsse fato já havia sido notado antes para outros índios, do mesmo modo que ao comparar-lhes o viver ao dos Mumidas e Tártaros, informa que, segundo um autor moderno, dêsses povos descendem os selvagens da América.

Vai então começar a ingrata descrição dos morticínios e lutas entre lusitanos e índios, falando antes sumariamente da região do presídio de Coimbra e da célebre gruta, extraordinária beleza natural, que lamentavelmente se acha tão longe, não podendo receber a homenagem admirativa que merece. Mas não entrará em detalhes, uma vez que a mesma já foi muito bem descrita pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, prevenindo agora que "somos entrados nos sucessos de uma época que nos desviam a atenção, para vermos de um golpe de vista a figura trágica que se nos principia a apresentar".

Trágica mesmo, na sucessão de massacres de parte a parte, em



que se igualaram civilizados e selvícolas, mostrando que tinham bastante cabimento as comparações entre certos generais históricos e os capitães cavaleiros. O Brigadeiro Almeida Lara por exemplo.

Ele que na sua superior compreensão procurou sempre explicar os motivos que levaram os índios à luta, não se sente bem à vontade ao narrar o célebre e traiçoeiro massacre da guarnição de Coimbra.

E se detem contrafeito antes de começar: "para narração deste sucesso aparo de novo a pena".

De fato. Os índios se chegaram ao forte, em pequeno número, desarmados e acompanhados de mulheres. Pediram que se retirassem as sentinelas, pois as mulheres tinham medo e êles estavam desarmados, como prova de boas intenções. Isto feito, entraram os soldados em comércio com o mulhero. A maioria se recostou no regaço das índias. a pedido destas, que enquanto os afagavam deixavam correr as lágrimas só de pensar no que iria acontecer dali a pouco, como aconteceu.

Depois de um assobio de significado secreto, meio de que usavam para se corresponderem a distância e para dirigir os seus rebanhos, surgiram, num passe de mágica, multidão de guerreiros que massacraram a seu gosto a guarnição desprevenida...

É verdade, Tenente Prado, os índios foram miseráveis desta vez e nem a sua boa vontade conseguiu uma atenuante para gesto tão desalmado. Culpa do juiz de Fora Cabral, que ao transmitir-lhe os informes dos Anais da Câmara de Cuiabá não lhe transmitiu este período que redime até certo ponto a indiada. Este informe é do ano de 1731. "Voltarão, para assimá até o distrito de Aicurú e ahi saltarão em terra, formarão huma trincheira e mandarão algumas Lingoas a convida-lloz, que viessem fazer amizades e negócio, chegarão alguns, que entrarão depois, e tendo-os o Brigadeiro se-guroz predeio huns que consigo trouxe ea outroz mandou cortar as orelhas, dizendo-lhez que sefossem mostrar aos seus cassiques e aos Payagoas seos amigos".

Extraordinário de simpatia êste cavalariano a quem os longos anos de rudes trabalhos e de lutas não contaminaram a alma ingênua e sonhadora, vibrando de sentimentalismo nas solidões alagadas do baixo Paraguai. Sentimentalismo que se entremostra a cada



passo, quando refere a harmonia existente entre os casais de índios, "sustentada desta terna amizade que faz a formozura da vida", quando conta, comovido, o romance primitivo da índia, abandonada pelo marido, a quem amava desde menina, definhando de mágua, morrendo de paixão ao receber a notícia do novo casamento do versátil Panenioxé. Encerrando a história de sua desventura com esta chave de ouro em língua guaicurú: *Lacaquebiele Panenioxé*, ingrato Panenione.

A gente parece que está vendo o Tenente Prado, junto à estacada do presídio, saudoso e contemplativo, vendo a lua que cobre de uma poeira branca as palmas dos carandás e a relva das planuras do pantanal matogrossense. Ali perto está o acampamento dos guaicurús e "na noite clara ajuntam-se os rapazes e raparigas e brincam à frente dos seus pobres toldos".

"Brilha nos divertimentos uma cândida alegria".

Amigo dos índios foi êle e êstes lhe correspondiam a amizade, a ponto de devolverem dois escravos fugidos do presídio para as suas terras. Coisa muito fora dos seus hábitos.

Mas com a chegada de Miranda Montenegro à Província novos serviços lhe seriam atribuídos.

Em 1797, entrega o comando do presídio ao Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, o qual, diante da notícia obtida pelo Tenente de que Espindola além das incursões em nosso território, perseguindo os guaicurús pretendia fundar um forte nas margens do Mondego, determina que êle vá fundar na costa daquele rio o presídio do Marreco que tomará o nome de presídio de Miranda em homenagem a Caetano Pinto de Miranda Montenegro, governador da província.

## II

Em dezembro começa a construção do presídio, um quadrilátero de taipa socada em cujo interior construiu os ranchos necessários ao serviço. Do lado de fóra se enfileiravam a rancharia dos soldados e os toldos do acampamento dos índios. Um pouco afastadas, em clareiras abertas pela derrubada, as roças e sementeiras. Tratou logo o novo comandante de organizar patrulhas, que o mantinham constantemente ao par das atividades castelhanas. Nêste



serviço os índios se revelaram ótimos auxiliares, pois que em vista dos seus hábitos andejos pouca desconfiança causavam aos espanhóis.

Notícias inquietantes começavam entretanto a chegar da Europa, indicando o próximo rompimento de hostilidades. Em vista disso Rodrigues do Prado, previdentemente organizou um plano de defesa da Capitania, usando os conhecimentos acumulados em mais de dez anos de permanência no vale do Guaporé e no presídio de Coimbra. Em linhas gerais as províncias a tomar se resumiam em conservar o presídio de Coimbra, socorrer a Camapuam e inquietar o inimigo cuja desproporção entre o valor e a empáfia era sua velha conhecida. Oitenta homens para dar uma corrida no "pessoal frouxo e hóstil aos dominadores da província de Moxos", a presença do Capitão General como elemento suficiente para a rendição da província de Chiquitos. Quanto ao Paraguai, a sua população de 113.000 almas poderia parecer muito forte. Entretanto ver-se-ia enfraquecida pela necessidade de enviar gente para guarnecer Buenos-Aires. Naquela região preferia empregar o sistema de guerrilhas. Aí com uns trinta homens auxiliados pelos guaicurús. Diversões pelo campo inimigo era como se dizia na época.

E em verdade nos meados de setembro, quando começavam as primeiras chuvas, recebe informações de índios, chegados da zona adversária, referindo os movimentos da expedição que se dirigia para Coimbra. Vários capitães são seus conhecidos, a começar por D. Lázaro de Ribera o governador que outrora o quizerá prender, Espindola com quem se correspondera no tempo em que este saíra campo fora perseguindo os índios, Ortega que tem poucas luzes de engenheiro e que iniciou a construção do forte de Bourbon além de outros. Uma parte vem por água em grandes embarcações e outro grupo por terra, conduzindo gado para socorro da primeira. Avisa dêsse acontecimento os seus chefes e se dispõe a agir. Atacará o inimigo em campo limpo, causando-lhe toda a sorte de embarços e ao cabo virá encerrar-se entre as quatro taipas do forte. Entretanto pondera, se deve ponderar, se deve mesmo proceder assim, uma vez que o presídio não dispõe de artilharia e não foi encontrada água no seu interior em tentativas feitas anteriormente.



De seu lado o comandante de Coimbra que do mesmo modo colhera notícias desses movimentos envia um grupo de índios para negacear o inimigo e saber o que acontece em Bourbon. Nêstes tempos anormais, porém, os índios não passaram despercebidos em Bourbon e D. Lázaro não se comoveu antes aqueles ares de inocência e prendeu a todos, como espias, conduzindo-os consigo. Alertado pela demora dos emissários Ricardo Franco acha prudente remeter uma patrulha de Dragões e Pedestres embarcados, descendo o rio, afim de esclarecer o que havia. Seguem, mas no clarear do dia seguinte, quando passavam pela baía negra foram cercados por umas vinte canôas de paiaguás que investiram rapidíssimos aos gritos de — Entrega português.

Mas aqueles dragões e pedestres experimentados não eram gente de pouca iniciativa. Com uns oito tiros à queima roupa “taparam a boca” dos atacantes e, virando a prôa dos batelões remaram a tôda fôrça para o forte, onde embicaram as canôas no dia seguinte. Era o sinal do rompimento de hostilidades. Mudou-se a guarnição para o interior do forte, acabado de construir, e aguardou os acontecimentos.

No dia seguinte apontava no estirão do rio a frota de D. Lázaro e iniciava o bombardeio do presidio.

Êste acontecimento nada tinha de surpreendente para as autoridades de Mato-Grosso. Todos haviam previsto e se preparado ali para êsse desfecho.

O governador pedindo auxílios, Ricardo Franco reconstruindo o forte e Prado fundando o presidio de Miranda e organizando um plano de luta “apesar do seu amor à humanidade”, representavam a previdência, dentro das minguadas possibilidades da Capitania, lançando mão dos recursos mais acessíveis. A arrecadação é pequena e as rendas não comportam as despesas que se fazem necessárias para a defesa de tão “descompassada fronteira”.

Andava tudo vasqueiro, não se podia reformar um cartucho por falta de uma folha de papel, os calafates sem meios de consertar uma canôa por falta de uma libra de breu. O forte de Coimbra sem mantimentos e, apesar de que há muito pedia abastecimentos para seis meses, quando o obtinha para vinte dias considerava-se muito bem atendido. Em Miranda, no novo presidio, não há uma



libra de ferro para consertar o armamento que se arruina e também não existe um ferreiro hábil. Fazia dois anos que se enviara sete contos para o Pará, afim de serem despachadas várias encomendas e até agora nada de chegarem. Escrevia-se para o centro, pintava-se de côres carregadas a situação: "a fronteira do Paraguai é presentemente a mais arriscada, são justos os receios que tenho de ser incomodado por aquele lado"...

Tentativa inútil de comover os chefes. Estes possuíam o tranqüilo otimismo que a distância do perigo assegura, e pontificavam: êsses receios são terrores pânicos e "coisa contra toda espectação o ser atacada a Capitania"...

Foi nessa situação que Miranda Montenegro recebeu a notícia da investida ao forte de Coimbra. A dificuldade de comunicações era de tal ordem que Ricardo Franco julgava estar Miranda sofrendo uma idêntica investida, pois dali não recebia notícias há um mês, enquanto Caetano Pinto só adivinhou a declaração de guerra pelo ataque sofrido. Mas bem servido de transportes o espanhol sabia de tudo. Foi por êle que o governador soube da guerra e da assinatura da paz. Pois quando lhe chegou a correspondência dos seus superiores veio na frente a notícia da paz e só posteriormente a da declaração de guerra. Vê-se por aí que bem razão tinha êle para dizer que: "ou sou tido e reputado por um santo, julgando-se que posso fazer milagres ou aliás sou o pior dos governadores, pois me expõem a todos os caprichos da fortuna".

Enquanto isso D. Lázaro surgia à vista do forte com "três sumacas grandes, com duas peças por banda e outra menor", de certo estudando mentalmente o estilo da mensagem que mandaria ao forte, exigindo a sua rendição incondicional. Saiu-se muito bem da empresa literária, pois escreveu a mais bombástica intimação que já foi lida sob céus do Brasil. Dispensou-me de reproduzi-la, bem como a resposta do Tenente Coronel português, cientificando-o, sem perder a compostura, da sua obstinada resolução de sepultar-se sob as ruínas do forte. São muito conhecidas.

Vendo que a investida preparatória não conseguira intimidar os defensores de Coimbra recomeça D. Lázaro o bombardeio. E prossegue nos outros dias. Mas ao fim de uma semana não conse-



guira ainda, com sua artilharia, melhores resultados que com a sua retórica.

Bem armado pôde atirar à vontade sôbre o forte que não podia retribuir-lhe o canhoneio, com as suas três pequenas peças e duas roqueiras, incapazes de alcançar e de ofender nos campos que cercam o presídio e nos estirões do Paraguai, descortinados a grande distância.

Para defender dispunha de muralhas de dez palmos de grosso, mas para ofender a artilharia alcançava pouco mais que um mosquete, não chegando a cruzar a largura do rio.

Isso deu motivo a que os espanhóis se entregassem a mais ruidosa das alegrias. Passearam rio acima, rio abaixo, atirando sempre, ora se chegando ora se afastando da praça. E tudo em meio a mais extravagante gritaria. Quando do forte, para salvar as aparências, se fazia um tirinho inofensivo, o estampido era abafado pelos apupos e vaias em que se sobressaiam os paiaguás que exultantes ao lado dos espanhóis por se verem pela primeira vez em condições de superioridade contra os portugueses.

Animados pelas perspectivas do triunfo iminente arriscaram mesmo um desembarque em pequenas canôas. Mas a afoitesa lhes custou meia dúzia de companheiros derrubados nágua pela descarga de mosquetes que veio do forte.

Resolvem então desembarcar mais longe e devastam a horta, colhendo couves e cebolas, matando porcos e bois. Tendo porém chegado à ponta do morro são colhidos numa emboscada e logo registam três mortos e dois mortalmente feridos.

Entretanto a situação do forte não é das melhores. Sem recursos, sabendo que o inimigo pretende reduzi-lo pela fome, fortificando-se defronte, do outro lado do rio, o comandante só tem a esperança de que, devido à enchente, seja demorada a vinda de recursos trazidos pela tropa que vem por terra e cujos fogos de acampamento se avistam, ao longe, da amurada do forte.

Além disso com a insignificante artilharia o forte poderá ser vencido e sua guarnição massacrada. Pode acontecer que o inimigo fique "senhor de Miranda, de Albuquerque, da importante navegação de S. Paulo, assombrando talvez a mesma vila do Cuiabá".

Mas nada disso aconteceu. No dia vinte e quatro D. Lázaro se



postou a jusante de Coimbra e abriu um fogo tremendo que não foi respondido, por se achar êle fora do alcance da artilharia portuguesa. Quando a noite desceu, foram ficar encostados na mesma margem em que fica o presidio.

Cessára o fogo, e às nove horas, o silêncio cheio de expectativas se quebrou com as notas da retreta dos espanhóis, tocada "com a sua música de oboé e zabumba". No mesmo tom, responderam os portugueses ao desafio com "dois tambores, rebeca e flauta".

Era o fim. Começaram depois a deslizar ao sabor da correnteza, lentamente. Durante dois dias ainda se viam alvejando no horizonte razo do pantanal as velas das sumacas de dois e três mastros. A distância não deixava perceber se iam tão cheias de vento como vieram.

Tomaram algumas providência antes da retirada, reforçando a guarnição dos fortins de Bourbon e S. Carlos e mandaram fundar o forte de S. José nas proximidades do Apa. Faltava também uma explicação que minorasse a surpresa dos paiaguás, seus aliados, diante da extranha retirada.

E deram-na muito satisfatória: o número de portugueses era muito pequeno demais e não pagava o trabalho de capturá-los. Esperariam algum tempo afim de que se juntasse maior número e então voltariam para matar e escravizar todos de uma vez.

### III

Enquanto se passavam êstes acontecimentos cogitava o Governador de se precaver contra surpresas nos outros pontos da Capitania. Movimentou a precária máquina militar de que dispunha. Enviou ordens a Cuiabá para que mandasse auxilio a Ricardo Franco, em gêneros e pessoal, despachasse canôas, armadas em guerra, para o rio abaixo afim de guarnecer êsse caminho, fechando a subida aos paiaguás que poderiam tentar um ataque por alí, impedindo a descida de negros fugidos que decerto aproveitariam a oportunidade para fugir. As 2 Companhias de milícias dessa vila deviam seguir para o Registo do Jaurú, e por sua vez o Comandante de Vila-Maria despacharia canôas para o Descalvado, com a mesma finalidade das de Cuiabá: negros e paiaguás.



Andava na Capitania em comissão, afim de proceder a estudos nos rios Paraguai e Paraná e reconstruir o forte dos Prazeres, o Ten. Cel. Cândido Xavier. Sem ter encontrado recursos que lhe permitissem levar a cabo os seus trabalhos, excarmentado em anteriores experiências do Igurei, e, além disso doente, preparava-se Xavier para voltar a S. Paulo. Não o consentiu Caetano Montenegro e o enviou com os seus 61 homens para a fronteira do baixo Paraguai, designando-lhe o comando do presidio de Miranda. Essa designação durou somente de 12 de setembro a 26 de outubro de 1801, pois Caetano resolveu manter Rodrigues do Prado no Comando do presidio por êle construido e chefiado a quatro anos. (2)

Consequindo reunir quatrocentos homens na fronteira, inclusive os 61 de Cândido Xavier, adotou uma attitude defensiva quanto às províncias de Moxos e Chiquitos, e aguardou o resultado final de tantas atribulações. Tinha o secreto pressentimento de que em breve poderia escrever a Souza Coutinho, "com mais alegria" do que o fizera ao relatar o início das hostilidades.

Nas margens do Mondego o Ten. Prado recebe a notícia do ataque ao forte e sente que o seu "coração estala de dor" vendo-se privado de lutar na companhia do seu chefe o coronel Ricardo Franco. Não recebera ordens para seguir em socorro de Coimbra, mas, apesar do seu espirito de subordinação, não era homem de "se deixar no ócio". Dá um balanço nas embarcações de que pode dispor. Eram muito poucas e não suportavam levar mais de cinquenta e quatro homens. Irá com êsse número, deixando o restante da guarnição, cujo total era de cento e dez homens, sob o Comando do Alferes Antônio do Rosário, a quem fornecerá detalhadas instruções de como proceder no caso de ser preciso bater-se com os espanhóis.

Trate logo de fazer uns ranchos na mata, onde armazenará mantimentos, principalmente o milho que pode ser de muita utilidade na fabricação de farinha. Receba os índios com todo o agasalho mas dentro da maior cautela e, si surgir o inimigo, embrenhe-

---

(2) Pelo confronto dessas datas pode ser visto que Cândido Xavier, não tomou parte na defesa de Coimbra, como está escrito no "Os generais do Exército", de Pretextato, 1.º VI. Aliás na documentação que se conhece sobre os dois sucessos (Nova Coimbra e Forte de S. José) não consta o nome do Ten. Coronel Cândido Xavier, a não ser em uma carta de Rodrigues do Prado, dizendo ter enviado as canoas pedidas por êle da povoação.



se no mato e fique na expectativa até que venha o socorro. Pois dentro do forte não é possível aguentar o cerco, em virtude da absoluta falta d'água. Quando chegasse a sua comunicação, dizendo que Coimbra "existia por nós", era tempo de mandar o Cabo José Gomes entrar o território inimigo e fazer nêle quanto dano pudesse e permitisse a lei da guerra.

Mas não se esquecesse, recomendava muito, "conserva a tropa na subordinação, pois senão nada será feliz" e também mande rezar nas orações públicas pelo êxito desta guerra.

Incorporou os guaicurús que pôde ajuntar e largou-se nas canôas, disposto a salvar o forte ou "acabar com êle" no dia 29 de setembro. Desceu o Miranda, embocou no Paraguai e no sexto dia de viagem do forte, recebeu a carta de Ricardo Franco, noticiando a retirada dos espanhóis. Mas ainda assim conseguiu socorrer o forte com 172 alqueires de milho, oferecendo mais umas três canôas carregadas se assim fosse preciso. A tempo foi o único auxílio que recebeu o forte de Coimbra, durante a árdua semana de luta.

Depois dêste gesto que Ricardo Franco classificou de: "coragem digna de inveja e de louvor, desempanhando o alto conceito que sempre fiz das suas honradas qualidades, e não equívoco valor" voltou a Miranda afim de se preparar por sua vez, para receber a força espanhola.

De fato, diante de tão brusco e imotivado récuo, ninguém pôde compreender o que pretendia D. Lázaro de Ribera. Mas o seu orgulho muito conhecido, em demonstrações anteriores, indicava como certo um novo ataque. Iria atacar Miranda? Sabia-se apenas que reforçara as guarnições de Bourbon e S. Carlos e que mandara fundar um fortim nas margens do rio da Lapa, nome que também designava o Apa.

Por isso Rodrigues do Prado, conhecendo bem que D. Lázaro se presava de ser "nosso contrário, ainda no meio da maior paz e queria levantar sôbre a nossa ruína o edifício de sua grandeza" tomou as providências que lhe sugeriam a pouca disposição em fornecer material para a edificação da glória castelhana.

Tudo que o Governador lhe podia arranjar, para a defesa do presidio eram 200 homens e êsses mesmos, para serem divididos com o forte de Coimbra. Muito pouco na verdade, visto que só o



presídio de Miranda, quase consumiria êsse número em guarnecer as suas muralhas de trinta braças de frente. E guarnecê-lo também não seria providência definitiva em vista de não possuir peças de artilharia com que responder ao cerco que lhe poriam os castelhanos. Resolveu nessa emergência ir ao encontro do inimigo, quando êste surgisse, empregando-se em guerrilhas, auxiliado pelos guaicurús que tinham nesta modalidade de luta o seu forte. Quando houvesse esgotado todos os meios lançaria fogo em tudo e com este triste espetáculo incenderia a ira no coração dos seus companheiros, prosseguindo a campanha.

Entretanto D. Lázaro, a quem a desconcertante resistência dos portugueses de Coimbra parece que deixara um tanto desconfiado das suas próprias qualidades de conquistador, continuou mudo e quedo nas suas terras. Passando o tempo veio a Rodrigues do Prado a idéia de destruir o novo fortim de S. José, erigido alí nas margens do Apa, como última e nova provocação do turbulento castelhano.

É verdade que não dispunha de pretextos para expugnação do forte e nem de artilharia para arrazar a estacada do fortim mas tentará assim mesmo. E si não fôr possível arrazá-lo ao menos um consideravel estrago há de causar nos inimigos, arrebanhando o gado e a cavallhada que por alí se achar, pagando-lhes na mesma moeda as devastações que fizeram em Coimbra.

Pensou em tudo. Levaria como aliados os guaicurús, juntamente com as praças a que pudesse fornecer cavalos, ou que tivessem os seus. Partiria com essa força até o Forte de S. José, percorrendo trinta e quatro léguas, através dos mais belos campos do sul de Mato-Grosso, e, como da outra vez, o Tenente de Voluntários ficaria cuidando do presídio.

Escreveu então a Ricardo Franco fazendo uma exposição dos seus projetos e solicitando licença para seguir e pedindo o maior número de cavalos que pudesse obter. Cavalos e selas o mais importante auxílio que desejava e sabia que era possível receber. Veio com a permissão para a sortida uma advertência sensata do comandante de Coimbra que, mais experimentado e mais velho, prevenia o animoso subordinado da possibilidade de se reproduzir com êle a situação de D. Lázaro de Ribera diante de Coimbra.



Ultimou os preparativos a dezenove de dezembro de 1801, partiu. Curiosa devia ter sido a partida dessa coluna de cavalaria em que, ao lado dos cavalos "reunados" pela amputação de uma orelha, choutavam os cavalinhos da montanha particular dos soldados, exibindo toda a escala de arreiações desde regulamentares e campeiros até as mantas sumárias e de todos os feitios dos que cavalgavam em pelo. Num outro grupo os bugres, conduzindo a sua tralha de combate e acampamento, na mais pitoresca das desuniformidades, já meio saudosos das famílias que ficaram em Miranda, confiadas ao agasalho do Alferes de Voluntários, servindo também, muito prudentemente, de garantia contra uma possível síncope de lealdade guaicurú.

Mas ia contente o Comandante, contente porque enfim se encontrava a caminho da ação depois de haver conseguido transpôr tantos embaraços surgidos da primeira à última hora. O reforço que lhe chegara, constando de quarenta e cinco homens, inclusive um oficial e três inferiores de pouco lhe adiantara, pois teve de devolver vinte e quatro, tripulando as canôas que mandou para atender ao pedido do Ten. Coronel Xavier que se achava na povoação. Depois aquela intriga do João Manoel, dizendo ao soldado Pires que soubera de Ricardo Franco que êle havia posto sentinelas no porto para evitar o trânsito de cartas particulares. Não podia descobrir como surgira essa afirmativa, a seu respeito, quando nada fazia senão claramente e no interêsse do serviço. Em todo o caso escrevera ao chefe, mal contando o desgosto, "Dois grandes prazeres me acompanham, o primeiro é ter podido dar alguns passos em socorro dêsse presídio em ocasião em que V. S. se achava cheio de sono, fome e cansaço e o segundo é ir contra os inimigos sem auxílio algum. Pois até a égua que V. S. teve a bondade de mandar não chegou por cansada. Finalmente, por mal dos pecados, aqueles oitenta e nove índios que vieram de Albuquerque, dizendo-se mandados pelo comandante mas que apenas desejavam tomar parte no saque do fortim, que previam para breve.

Tudo passou, entretanto, e agora que se vai aproximando do inimigo, o Cabo Gomes, e o soldado Antônio Pires se distanciam na frente, sondando os arraiais inimigos e trazendo informações. Já puderam observar o povoado composto de ranchos onde calculam



existir uns sessenta espanhóis. No outro dia, faltando apenas duas léguas para chegar, uma nova exploração esclarece que o inimigo é numeroso e está alerta. A marcha se torna agora mais lenta porque estão caminhando desviados da estrada geral, o que os obrigou a atravessar dois braços do Apa, com muita dificuldade por causa da cheia.

No dia 1.º de janeiro resolve atacar o forte no romper da madrugada. Ainda vem longe a claridade, quando divide o seu destacamento em três pelotões, comandados pelos Alferes de Milícias, Francisco Xavier Pinto que se oferecera para acompanhá-lo na aventura, cabo de Dragões José Gomes e cabo Laureano Bicudo. Os pelotões se encarregarão de investir o forte pelos flancos, enquanto êle desencadeará uma ação frontal com os índios, de vez que êstes haviam declarado só entrarem na luta sob seu comando.

Corriam as coisas em muita ordem, quando o cabo Gomes foi interpelado por um Alferes inimigo que rondava o campo com mais dois soldados. Ao grito de "quem vem aí" o cabo Gomes retorquiu com uma intimação à patrulha para que se rendesse. E não sendo atendido abriu fogo sôbre os espanhóis que procuravam fugir.

Os tiros semearam o alarme nos contrários e nada mais restava fazer, senão decidir-se pela ação imediata, como fez.

Atiraram-se os portugueses contra o povoado e logo um dragão é morto com quatro tiros na entrada das casas, mas o avanço progride, rapidamente, de modo que um tiro, disparado de uma peça colocada numa elevação já não consegue atingi-los na encosta que ficava em ângulo morto. Caindo em seguida sôbre ela nem dão à guarnição para carregá-la novamente, ficando o cartucho a meio da peça. Em pouco tempo alcançam a estacada e começam a forçar o portão solidamente construído e resistente. Ao fogo mal dirigido que vinha do forte, responderam com sucessivas descargas, sendo de notar que o nosso fogo era muito "mais matador".

Tudo ia bem para nós, a peça do baluarte não podia atirar, a guarnição fôra contida pelo Cabo Gomes e soldado Pires. Entusiasmados os atacantes gritavam para os espanhóis que se rendessem. Só o comandante do forte D. Juan Caballero, respondia teimando que morrer sim mas entregar não.

Pouco tempo pôde fazer valer essa opinião, pois mal ferido e



agonisante logo em seguida, não pôde impedir que os soldados escancarassem o portão e se entregassem à discricção. Morrera o comandante com mais de vinte e cinco perdigotes e balas no corpo.

Cuidou então o Ten. Prado de recolher o armamento, contar os prisioneiros, ao todo vinte e sete, dos quais onze gravemente feridos. Pela relação encontrada concluiu que oitenta e quatro se achavam desguaritados pelos matos das redondezas, alguns dos quais feridos.

Depois que o dia clareou de todo chegaram os guaicurús para a rapinagem. Antes não quiseram atacar, temerosos de um engano dos portuguezes, diziam êles, e porque ainda fazia escuro. Vendo que era impossivel demovê-los da pouca vontade de luta, Rodrigues do Prado os havia deixado para vir se reunir à sua gente. Energicamente impediu-os agora de entrar no forte, avisando-os de que muitos espanhóis se achavam pelo mato. Que os atacassem da forma que quizessem. Vendo a resolução do Ten. os índios se espalharam pelo campo, mas não que pretendessem aprisionar os fugitivos como se poderá imaginar. Uma peleja com probabilidades para o inimigo não era doutrina aceita nos seus métodos de guerra. Sairam a arrebanhar cavalos, depois de saquear as casas do povoado, chegando a roubar, no entusiasmo da colheita, até objetos e roupas dos próprios aliados. Ao meio dia anexaram ao fruto da sua arrecadação mais trezentos cavalos, repontados nos campos adjacentes.

Aos portuguezes cabia agora voltar. Pois não era possível atacar também S. Carlos, distante cinco dias de viagem, guarnecer o presídio, conduzir para Miranda duas peças tomadas e ainda escoltar os prisioneiros, apenas com cinquenta e quatro praças.

Arrolou o material apreendido, curou como pôde os feridos, cobrou o quinto do rei do gado apreendido.

O espetáculo daqueles espanhóis feridos, quasi todos gravemente, era de cortar o coração. Comovido com tanta desgraça, o ânimo bondoso de Rodrigues do Prado, a compaixão adquire proporções quasi de remorso: — “o ver tanto estrago aos meus semelhantes, tirou-me uma grande parte do prazer que me devia causar a vitória”. E foi nêsse constrangimento sentimental que encarou a embaraçosa situação, surgida com a necessidade de dar um destino



aos prisioneiros. Deixar os feridos ao desamparo não lhe consentiria o natural piedoso, virtude que êle transferirá ao Governador, escrevendo-lhe: "a piedade de V. Excia. não permitiria". Cavalos, só dispunha de seis, para conduzir os prisioneiros e seria doloroso fazê-los acompanhar a pé a marcha dos cavaleiros da escolta. Resolveu satisfatoriamente o assunto, emprestando, aos espanhóis detidos, a sua incorruptível noção de honra, como antes transferira a Miranda Montenegro a sua piedade. Fê-los assinar um termo, no qual aqueles se comprometiam solenemente a não pegar em armas contra Portugal, enquanto durasse a guerra. Aproveita a circunstância para enviar à esposa do Comandante espanhol a pouca roupa encontrada em sua mala rogando-lhe que "lhe perdoasse a grande perda que lhe acabava de causar". Por fim incendiou a estacada e os ranchos do presídio só deixando incólume um grande cruzeiro de madeira onde mandou gravar os seguintes dizeres: "*Viva Portugal. Foi tomado este presidio no dia 1.º de Janeiro de 1802*".

Terminou assim, de modo violento, a existência breve do Forte de S. José.

Pôs-se a caminho de Miranda, tendo enterrado antes, cerca de légua de distância do forte espanhol, uma das peças que não pôde conduzir. Mandaria buscá-la, mais tarde com bois de canga.

De Miranda escreveu Prado ao governador, enviando-lhe por intermédio do comandante do Coimbra, uma relação do que apreendera, datada de "Forte arrazado, 1.º de Janeiro de 1802", e descrevendo os transe da luta e recomendando os subordinados que se tornassem merecedores de recompensa. Quanto a êle "bastava o gosto de desempenhar o lisongeiro conceito que de mim faz".

No ano seguinte retirou-se para Cuiabá afim de tratar-se das enfermidades adquiridas na região insalubre do presídio. Talvez a mesma febre de que se queixava, escrevendo a Almeida Serra, ao enviar-lhe os planos de guerra que delineara para defender a Capitania.

Em 1804 o novo governador designado para Mato-Grosso lhe trás a recompensa de Sua Alteza Real, traduzida no hábito de Aviz, e na promoção a Capitão, confirmando-o no posto de Comandante da Companhia de Dragões. E ainda foi nêsse mesmo ano que, de-



pois de haver feito mais uma diligência na província de Chiquitos, faleceu o Capitão de Dragões, Francisco Rodrigues do Prado.

Este oficial paulista é cronologicamente a primeira figura de cavalariano, penetrado do espírito de aventura e idealismo que deram à Cavalaria essa aureola de bravura romântica, raiando os limites da lenda, na história das nossas guerras. Mas não somente o idealismo o recomendou à nossa simpatia e atenção.

O arrasamento do forte de S. José vale por uma afirmação definitiva no fixar as nossas fronteiras pelo Rio Apa. A sua travessia, das veredas do Miranda às margens do Apa, define pela primeira vez a vocação daquelas planícies como o caminho guerreiro das nossas expedições militares.

E ainda mais. Aquela marcha através do sul de Mato-Grosso com força tão heteróclita e desproporcionada ao número do adversário, bem como resistência do forte de Coimbra, cujos baluartes, desde o gesto de Ricardo Franco se constituíram em catalizadores da coragem moral dos nossos militares, naquela fronteira, assumem o aspecto de caracteres específicos da nossa história colonial, reproduzidos com tôdas as aparências de um fenômeno cíclico, cinquenta anos depois nos mesmos lugares, na história militar do império.

---

#### REFERÊNCIAS:

- V. Correia Filho — *As Raias de Mato-Grosso*, 4 Vols., 1925.  
 V. Correia Filho — Os predecessores de Rondon, *Rev. Inst. Hist. Mat. Grs.* Ano 10, n.os 19 e 20, p. 3.  
 Estevão de Mendonça — *Datas Matogrossenses*, 2 Vols. 1919.  
 Barbosa de Sá — *Crônicas do Senado da Câmara de Cuiabá*, *Rev. Inst. Hist. Mt. Grs.*  
 Siqueira — *Crônicas de Cuiabá*, *Rev. Inst. Hist. Geog. Bras.* Vol. 13, p. 5.  
 João Barbosa de Faria — *Apontamentos para a biografia do Brigadeiro*.  
 Jerônimo Joaquim Nunes — *Rev. Inst. Hist. Mat. Grs.*, Ano 12, N.os 23 e 24 — Parte que deu Cândido Xavier de Almeida e Souza sobre o descobrimento do Rio Igureí — (1783), *Rev. Instituto Hist. Geog. Bras.*, Vol. 18, p. 224.  
 Expugnação do Presídio de Nova Coimbra (Correspondência de Miranda Montenegro, Ricardo Franco de Almeida Serra e Francisco Rodrigues do Prado) *Rev. Inst. Hist. Geog. Bras.*, Vol. 28, Parte 1.<sup>a</sup>, p. 89.  
 Tomada e Destuição do Forte Espanhol de S. José, *Rev. Inst. Hist. Mat. Grs.*, ano 8, n.º 16, p. 115.  
 Rodrigues do Prado — *História dos Índios Cavaleiros* — (1795) *Rev. Inst. Hist. Geog. Bras.*, Vol. I.